CDU. 869.0(81) Lobato 7.07

MONTEIRO LOBATO E O MODERNISMO BRASILEIRO

Mário da Silva Brito

Do livro do autor *História do Modernismo Brasileiro. I: Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. . 2. ed. rev. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964 p. 52-62.

Paranóia ou mistificação?

O artigo de Monteiro Lobato, que celebrizaria Anita Malfatti mas a faria sofrer profundamente, traumatizando-a para o resto da vida, apareceu em *O Estado de S. Paulo,* edição da noite, a 20 de dezembro de 1917 e traz como assinatura as suas iniciais. Ocupa a seção "Artes e Artistas", sua composição é entrelinhada e intitula-se "A propósito da Exposição Malfatti". Ei-lo, em sua íntegra:

"Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que vêem normalmente as coisas e em conseqüência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. Quem trilha por esta senda, se tem gênio, é Praxíteles na Grécia, é Rafael na Itália, é Rembrandt na Holanda, é Rubens na Flandres, é Reynolds na Inglaterra, é Leubach na Alemanha, é Lorn na Suécia, é Rodin na França, é Zuloaga na Espanha. Se tem apenas talento vai engrossar a plêiade de satélites que gravitam em torno daqueles sóis imorredouros. A outra espécie é formada pelos que vêem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo

de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz do escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento. Embora eles se dêem como novos, precursores duma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranóia e com a mistificação. De há muito já que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornam as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo mistificação pura.

Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude. As medidas de proporção e equilíbrio, na forma ou na cor, decorrem do que chamamos sentir. Quando as sensações do mundo externo transformam-se em impressões cerebrais, nós "sentimos"; para que sintamos de maneira diversa, cúbica ou futurista, é forçoso ou que a harmonia do universo sofra completa alteração, ou que o nosso cérebro esteja em "panne" por virtude de alguma grave lesão. Enquanto a percepção sensorial se fizer normalmente no homem, através da porta comum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá "sentir" senão um gato, e é falsa a "interpretação" que do bichano fizer um totó, um escaravelho ou um amontoado de cubos transparentes.

Estas considerações são provocadas pela exposição da Sra. Malfatti onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia. Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes, através de uma obra torcida para mé direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se de qualquer daqueles quadrinhos como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui um sem-número de qualidades inatas e adquiridas das mais fecundas para construir uma sólida individualidade artística. Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura.

Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e "tutti quanti" não passam de outros tantos ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma — caricatura que não visa, como a primitiva, ressaltar uma idéia cômica, mas sim desnortear, aparvalhar o espectador. A fisionômica, de quem saí de uma destas exposições é das mais sugestivas. Nenhuma impressão de prazer, ou de be-

leza denunciam as caras; em todas, porém, se lê o desapontamento de quem está incerto, duvidoso de si próprio e dos outros, incapaz de raciocinar, e muito desconfiado de que o mistificam habilmente. Outros, certos críticos sobretudo, aproveitam a vaza para "épater les bourgeois". Teorizam aquilo com grande dispêndio de palavrório técnico, descobrem nas telas intenções e subintenções inacessíveis ao vulgo, justificam-nas com a independência de interpretação do artista e concluem que o público é uma cavalgadura e eles, os entendidos, um pugilo genial de iniciados da Estética Oculta. No fundo riem-se uns dos outros, o artista do crítico, o crítico do pintor e o público de ambos.

Arte moderna, eis o escudo, a suprema justificação. Na poesia também surgem, às vezes, furúnculos desta ordem, provenientes da cegueira nata de certos poetas elegantes, apesar de gordos, e a justificativa é sempre a mesma: arte moderna. Como se não fossem modernísimos esse Rodin que acaba de falecer deixando após si uma esteira luminosa de mármores divinos; esse André Zorn, maravilhoso "virtuose" do desenho e da pintura, esse Brangwyn, gênio rembrandtesco da babilônia industrial que é Londres, esse Paul Chabas, mimoso poeta das manhãs, das águas mansas, e dos corpos femininos em botão. Como se não fosse moderna, modernísima, toda a legião atual de incomparáveis artistas do pincel, da pena, da água-forte, da "dry point" que fazem da nossa época uma das mais fecundas em obras-primas de quantas deixaram marcos de luz na história da humanidade.

Na exposição Malfatti figura ainda como justificativa da sua escola o trabalho de um mestre americano, o cubista Bolynson. É um carvão representando (sabe-se disso porque uma nota explicativa o diz) uma figura em movimento. Está ali entre os trabalhos da Sra. Malfatti em atitude de quem diz: eu sou o ideal, sou a obra-prima, julgue o público do resto tomando-me a mim como ponto de referência.

Tenhamos coragem de não ser pedantes: aqueles gatafunhos não são uma figura em movimento; foram, isto sim, um pedaço de carvão em movimento. O Sr. Bolynson tomou-o entre os dedos das mãos ou dos pés, fechou os olhos, e fê-lo passar na tela às tontas, da direita para a esquerda, de alto a baixo. E se o não fez assim, se perdeu uma hora da sua vida puxando riscos de um lado para outro, revelou-se tolo e perdeu o tempo, visto como o resultado foi absolutamente o mesmo. Já em Paris se fez uma curiosa experiência: ataram uma brocha na cauda de um burro e puseram-no de traseiro voltado para uma tela. Com os movimentos da cauda do animal a brocha ia borrando a tela. A coisa fantasmagórica resultante foi exposta como um supremo arrojo da escola cubista, e proclamada pelos mistificadores como verdadeira obra-prima que só um ou outro raríssimo espírito de eleição poderia compreender. Resultado: o público afluiu, em-

basbacou, os iniciados rejubilaram e já havia pretendentes à tela quando o truque foi desmascarado. A pintura da Sr. Malfatti não é cubista, de modo que estas palavras não se lhe endereçam em linha reta; mas como agregou à sua exposição uma cubice, leva-nos a crer que tende para ela como para um ideal supremo. Que nos perdoe a talentosa artista, mas deixamos cá um dilema: ou é um gênio o Sr. Bolynson e ficam riscados desta classificação, como insignes cavalgaduras, a coorte inteira dos mestres imortais, de Leonardo a Stevens, de Velásquez a Sorolla, de Rembrandt a Whistler, ou . . . vice-versa. Porque é de todo impossível dar o nome de obra de arte a duas coisas diametralmente opostas como, por exemplo, a Manhã de Setembro, de Chabas, e o carvão cubista do Sr. Bolynson.

Não fosse a profunda simpatia que nos inspira o formoso talento da Sra. Malfatti, e não viríamos aqui com esta série de considerações desagradáveis.

Há de ter essa artista ouvido numerosos elogios à sua nova atitude estética.

Há de irritar-lhe os ouvidos, como descortês impertinência, esta voz sincera que vem quebrar a harmonia de um coro de lisonjas. Entretanto, se refletir um bocado, verá que a lisonja mata e a sinceridade salva. O verdadeiro amigo de um artista não é aquele que o entontece de louvores, e sim o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura, e lhe traduz chãmente, sem reservas, o que todos pensam dele por detrás. Os homens têm o vezo de não tomar a sério as mulheres. Essa é a razão de lhe darem sempre amabilidades quando elas pedem opinião. Tal cavalheirismo é falso, e sobre falso, nocivo. Quantos talentos de primeira água se não transviaram arrastados por maus caminhos pelo elogio incondicional e mentiroso? Se víssemos na Sra. Malfatti apenas uma "moça que pinta", como há centenas por aí, sem denunciar centelha de talento, calar-nos-íamos, ou talvez lhe déssemos meia dúzia desses adjetivos "bombons", que a crítica açucarada tem sempre à mão em se tratando de moças. Julgamo-la, porém, merecedora da alta homenagem que é tomar a sério o seu talento dando a respeito da sua arte uma opinião sinceríssima, e valiosa pelo fato de ser o reflexo da opinião do público sensato, dos críticos, dos amadores, dos artistas seus colegas e. . . dos seus apologistas.

Dos seus apologistas sim, porque também eles pensam deste modo. . . por trás".

Essa sensitiva do Brasil

A família de Anita Malfatti e seus amigos foram os primeiros a chocarem-se com as telas. Nestor Pestana, da direção de *O Estado de S. Paulo* e relacio-

nado com a gente de Anita, vira na jovem uma promessa e dela esperava muito, e disso é testemunho a sua nota de 1914. Quando lhe viu os quadros produzidos depois dessa data, manifestou-se desgostoso. "Não nos desaponte" — pediu à artista, e o pedido era uma advertência.

A diatribe de *O Estado* possivelmente tenha sido inspirada por Nestor Pestana, que estimulava altamente a inteligência de Monteiro Lobato, "moço naquela época embora velho de sensibilidade". [1]

Certo tom diplomático do articulista, seu ar de conselho, seu jeito de mais velho falando a mais moço, em dadas passagens, permitem supor, na pena de Lobato, o "dedo"do velho jornalista, que era reacionário, conservador em excesso. [2] "Nestor Pestana ficou muito triste com as minhas coisas" — declarou a pintora em mais de uma oportunidade. O seu desejo de "passar um pito" na moça teria sugerido o artigo a Lobato. Se não o fez, aceitou de bom grado, porque não se comprometia diretamente, a enfezada catilinária daquele que tanto admirava. Pormenor a merecer atenção: os artigos de Lobato na edição noturna de *O Estado* — o "Estadinho" como se tornara conhecido — eram freqüentemente transcritos pelo matutino. Isto não ocorreu, no entanto, com o escrito a propósito da exposição de Anita Malfatti. Júlio Mesquita e Amadeu Amaral ter-se-iam oposto à reprodução, espíritos mais compreensivos e atualizados que eram. [3]

Monteiro Lobato, por sua vez, era avesso às inovações artísticas, não as aceitava e, acima de tudo, seu conhecimento teórico e crítico de arte radicava-se nas lições acadêmicas e tradicionalistas. "A hostilidade de Lobato ao moderno é por seu lado uma manifestação de despeito que se evidenciará principalmente na sua crítica de arte baseada na concepção primária de uma pintura fotográfica, de uma escultura naturalística, o que se origina por certo da ingênua convicção num progresso contínuo, na superioridade de nossa civilização ocidental sobre as demais", anotaria Sérgio Milliet. [4]

Lobato tinha o gênio da caçoada — mais da caçoada do que da sátira — e muitos de seus contos e artigos — ele próprio o confessa — não passavam de vinganças pessoais. O "assunto" Anita dava margem às suas observações zombeteiras, aos seus remoques, e, ao mesmo tempo, permitia-lhe agradar ao velho amigo, declaradamente decepcionado com a exposição. As circunstâncias estavam a favor de Lobato. Podia falar por si mesmo e pelo amigo.

Curiosa coincidência é sem dúvida a de o famoso artigo sair a público exatamente no dia que precede a inauguração da exposição de Edgard Parreiras, à qual Lobato compareceu, sendo mesmo o seu nome um dos primeiros da lista

dos visitantes. [5] A propósito deste artista acadêmico, o agressor de Anita publicou artigo de amplo louvor, esclarecendo, prazerosamente, que sua pintura "pertence à velha arte" e que não há, em suas telas, "nenhum cubo", "nenhuma tortura amaneirada por escolas d'escacha pessegueiro". [6] E, por fim, recomenda: "É forçoso agora que o público de S. Paulo acompanhe o belo gesto dos inteligentes amadores que adquiriram vários quadros". É esse um meio de ir "fixando aqui obras d'arte verdadeiras". [7]

Monteiro Lobato *queria* ser pintor. É preciso não esquecer que a primeira edição de *Urupês* foi ilustrada por ele mesmo. Era pintor acadêmico e sem êxito, do que lhe advinha provável ressentimento. Ao complexo pictórico de Lobato, Mário de Andrade faria alusão: "E eu que conheço tão bem essa alma séria e sincera (refere-se a Anita Malfatti) a quem o pintor Monteiro Lobato, cuja ciência em descobrir o grotesco atinge os próprios gestos dele, chamou de paranóica ou mistificadora. . ." [8] Menotti del Picchia também tocaria no mesmo ponto: "Lobato é um grande contista com fama de mau pintor". [9]

O fato é que o artigo de Monteiro Lobato, "béguin" de um grande jornal e já bastante conhecido, produziu resultados desastrosos e prejudiciais à artista atacada: quadros já vendidos foram devolvidos, o escândalo rodeou Anita, as "qualificações inqualificáveis",[10] no dizer de Mário de Andrade, que lhe deu o escritor corriam a cidade e estigmatizavam a expositora. Levados pelo prestígio de Lobato, "milhares de paulistas, aprioristicamente", "julgaram essa mulher singular". [11]

Conseqüências outras haveria, mais ponderáveis do que a de provocar a ira alheia, como a de certo senhor de idade que, conforme narra Anita, "ameaçou de romper meus quadros com a bengala". [12] A mais dolorosa das conseqüências foi, sem dúvida, a de perturbar a evolução da artista, abalar-lhe a confiança em si própria, pô-la em choque mais ainda com os seus — e o que é principal — consigo mesma. Foi sobretudo feri-la de tal modo que, em exposição seguinte, desse "a impressão duma artista que tivesse perdido a sua própria alma". [13]

O fato é que, "quando viu a obra modernista que apresentava repudiada com insulto e cada gargalhada besta que nem sereia da Assistência não parando mais no ar, Anita Malfatti frequejou. Fraquejou sim uns pares de anos, andou querendo fazer o impressionismo em que toda a gente inda parava. E brigava todo o dia consigo mesma porque tudo nela dizia "Faça obra expressionista" porém a vontade berrava "Faça obra impressionista pros outros quererem bem" e a mão dela, indecisa, tremendo entre essas ordens diferentes, se perdia pouco a pouco e se perdeu". [14]

Lobato foi cruel, além de incapacitado para o mister que exercia. Anita Malfatti, jovem e pioneira, em luta com o ambiente social e familiar, precisava de estímulo e amparo. "Não sei de alma carecendo mais de ser compreendida, amada e louvada que a dessa sensitiva do Brasil", [15] advertiria Mário de Andrade.

Monteiro Lobato, no entanto, de maneira indireta, consagrou quem, no primeiro momento, era a sua vítima. "Anita Malfatti" – observa Menotti del Picchia – "passou então para o nosso martirológio artístico. Resultado: ganhando terreno o modernismo, a pintora ilustre tornou-se uma espécie de santa da ala demonfaca dos reformadores. Seu nome traz o prestígio dos taumaturgos e dos mártires". [16]

Lobato teve, sobretudo, o não pretendido nem almejado mérito de congregar, em torno da pintora escarnecida, o grupo dos modernos. Ao seu lado estão muitos dos jovens que organizariam e participariam, pouco anos depois, da Semana de Arte Moderna. Sua exposição é a primeira etapa da arrancada inovadora. Com ela, desde esse momento, ficam Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Agenor Barbosa, Ribeiro Couto, George Przyrembel, Cândido Mota Filho e João Fernando de Almeida Prado. Mais: à incompreensão histórica de Monteiro Lobato, que antecedeu Hitler ao rotular de teratológica a arte moderna, se deve o despertar da consciência antiacadêmica, a arregimentação das forças novas, o preparo do assalto que terminaria por determinar a derrocada dos bastiões tradicionalistas.

Aparece o cavaleiro andante

Lobato declara no célebre artigo que os apologistas de Anita, por trás, pensavam como ele, também a consideravam, portanto, paranóica ou mistificadora. A perfídia era forte e demasiada, extravagante mesmo. O fato é que, na época, parece ter sido Oswald de Andrade o único a defendê-la por escrito. Fê-lo através de tópico estampado na edição paulista do *Jornal do Commercio.* [17] O artigo é uma réplica ao de Monteiro Lobato, sem, contudo, refutá-lo ponto por ponto. É o seguinte o seu texto:

"Encerra-se hoje [18] a exposição da pintora paulista Sra. Anita Malfatti, que, durante um mês, levou ao salão da Rua Líbero Badaró, 111, uma constante romaria de curiosos.

Exigiria longos artigos discutir-se a sua complicada personalidade artística e o seu precioso valor de temperamento. Numa pequena nota cabe apenas o

aplauso a quem se arroja a expor, no nosso pequeno mundo de arte, pintura tão pessoal e tão moderna.

Possuidora de uma alta consciência do que faz, levada por um notável instinto para a apaixonada eleição dos seus assuntos e da sua maneira, a vibrante artista não temeu levantar com os seus cinqüenta trabalhos as mais irritadas opiniões e as mais contrariantes hostilidades. Era natural que elas surgissem no acanhamento da nossa vida artística. A impressão inicial que produzem os seus quadros é de originalidade e de diferente visão. As suas telas chocam o preconceito fotográfico que geralmente se leva no espírito para as nossas exposições de pintura. A sua arte é a negação da cópia, a ojeriza da oleografia.

Diante disso, surgem desencontrados comentários e críticas exacerbadas. No entanto, um pouco de reflexão desfaria, sem dúvida, as mais severas atitudes. Na arte, a realidade na ilusão é o que todos procuram. E os naturalistas mais perfeitos são os que melhor conseguem iludir. Anita Malfatti é um temperamento nervoso e uma intelectualidade apurada, a serviço do seu século. A ilusão que ela constrói é particularmente comovida, é individual e forte e carrega consigo as próprias virtudes e os próprios defeitos da artista.

Onde está a realidade, perguntarão, nos trabalhos de extravagante impressão que ela expõe?

A realidade existe mesmo nos mais fantásticos arrojos criadores e é isso justamente o que os salva.

A realidade existe, estupenda, por exemplo, na liberdade com que se enquadram na tela as figuras número 11 e número 1; [19] existe, impressionante e perturbadora, na evocação trágica e grandiosa da terra brasileira que é o quadro número 17; [20] existe, ainda, sutil e graciosa, nas fantasias e estudos que enchem a exposição.

A distinta artista conseguiu, para o meio, um bom proveito, agitou-o, tirou-o da sua tradicional lerdeza de comentários e a nós deu uma das mais profundas impressões de boa arte".

NOTAS DE REFERÊNCIA

1. Sérgio Milliet — *Diario Crítico* — 4o. volume - pág. 53 - Livraria Martins Editora - 1947 - São Paulo

2. Segundo depoimento de Paulo Duarte, Nestor Pestana era excessivamente conservador

3. Depoimento de Paulo Duarte

4. Sérgio Milliet - obra citada - pág. 54

5. A exposição Parreiras foi instalada na Rua Líbero Badaró, 114, "esquina do viaduto", a poucos passos da de Anita Malfatti.

6. *O Estado de S. Paulo* — Edição da Noite - de 24.12.1917. Não é necessário acentuar a evidente alusão nessas frases a Anita Malfatti.

7. *O Estado de S. Paulo* — Edição da Noite - de 24.12.1917. Como amostra, um trecho da crítica de arte de Lobato: "Canto do Rio" é uma tela notável, pela frescura, pelo arejamento, pela segurança dos valores e fineza dos tons e verdade da cor. Na "Rajada" obtém ótimos efeitos; sente-se o ar pesado, cortável a faca, que precede as tempestades de verão". Nesse teor se expressa o crítico artístico Monteiro Lobato. Sente-se nesse artigo, que foi escrito tendo em mente a exposição de Anita.

8. Mário de Andrade — artigo em *A Manhã,* Suplemento de S. Paulo de 31.7. 1926.

9. Menotti del Picchia — "Uma palestra de Arte" — *Correio Paulistano,* de 29.11.1920

10. Mário de Andrade — "Fazer a História", *Folha da Manhã,* de 24.08.1944

11. Menotti del Picchia — artigo citado

12. Anita Malfatti — Depoimento para o *Diario Carioca,* de 24.02.1952

13. Mário de Andrade — "Anita Malfatti" — *Jornal de Debates* de 1921 Recorte sem indicação de data e mês.

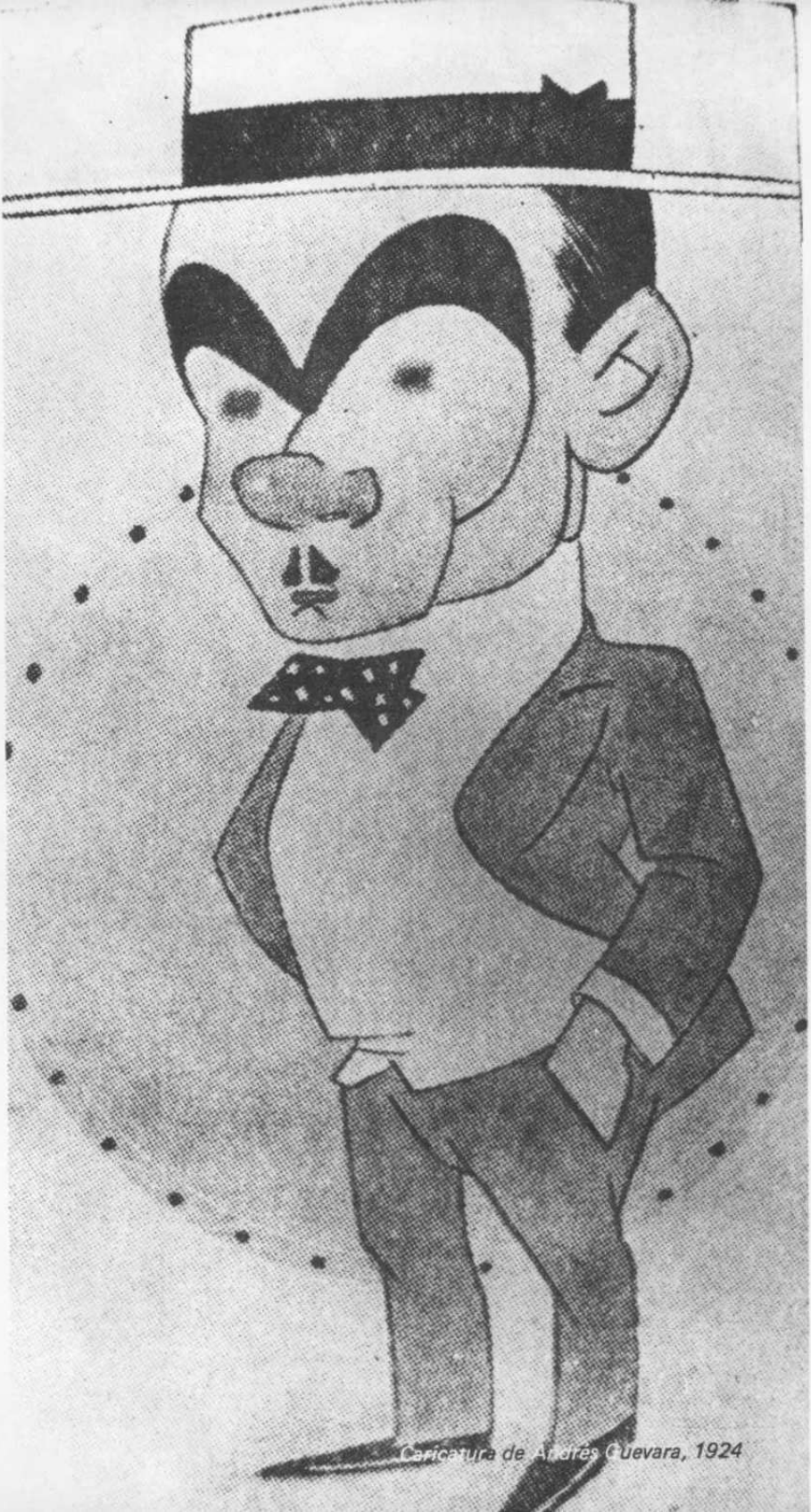
14. Mário de Andrade — artigo citado.

15. Mário de Andrade — artigo citado

16. Menotti del Picchia — "Anita Malfatti", *Correio Paulistano,* de 20 de fevereiro de 1929

17. Oswald de Andrade — "A exposição Anita Malfatti", *Jornal do Commercio,* edição de S. Paulo, de 11 de janeiro de 1918. O tópico aparece na seção "Notas de Arte" e está assinado O.A.

18. Encerrou-se no dia anterior à publicação da nota, ou seja, a 10 de janeiro de 1918.
19. No. 11 é "O homem Amarelo" e no. 1, "Lalive".
20. No. 17 é "Paisagem de Santo Amaro".



Caricatura de Andrés Cuevara, 1924